

Pistoleiros matam testemunha

Comerciante morto em Jardim América havia prestado depoimento sobre assassinato de Marcelo Denadai

O comerciante Leonardo Maciel Amorim, o Léo, 29 anos, executado com seis tiros de pistola calibre 45 – de uso restrito do Exército – na noite de terça-feira, em Jardim América, Cariacica, foi a terceira testemunha do caso Denadai a ser assassinada por pistoleiros.

O advogado Joaquim Marcelo Denadai foi morto no dia 15 de abril de 2002, perto de sua casa, quando voltava de uma caminhada no calçadão da Praia da Costa, em Vila Velha.

O assassinato de Denadai – que atuava em causas polêmicas – resultou no pedido de intervenção federal do Estado feito pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

A intervenção não ocorreu, mas o Ministério da Justiça encaminhou ao Estado uma missão especial para investigar o crime organizado.

O comerciante foi assassinado por volta das 18h30, na avenida Espírito Santo, logo após sair de sua loja de jogos eletrônicos Fun Play Diversões em seu Corolla, placa MTA-1302, quando um homem efetuou vários disparos em sua direção.

Léo havia prestado depoimento como testemunha ao delegado José Pinto de Luna, da Polícia Federal, em novembro de 2002. Ele empregou em sua empresa o soldado da PM Dalberto Antunes da Cunha, que está preso acusado de ser um dos executores do advogado.

A vítima também seria sócio do comerciante José Manoel Cannellas Porto Filho, na exploração de caça-níqueis.

José Manoel e seu filho Fábio Alves Porto eram amigos do ex-tenente da PM Paulo Jorge dos Santos Ferreira, o PJ, que teria prestado serviços de segurança para os dois.

PJ, um dos acusados da morte de Denadai, foi assassinado com 25 tiros de pistola calibre 9 milímetros no dia 15 de dezembro passado, dentro de seu carro, quando chegava a um restaurante em Santo Antônio, Vitória.

O ex-tenente foi morto 45 dias depois de sair da Penitenciária Estadual de Segurança Máxima (antigo Moses II) mediante habeas corpus do Tribunal de Justiça.

O empresário Sebastião de Souza Pagoto, proprietário da empresa Hidrobrasil, apontado pelo Ministério Público Estadual como mandante do assassinato do advogado, aguarda o julgamento em liberdade.

A mulher de Dalberto, a major da PM Fabrízia Moraes Gomes Cunha, também está solta. Todos os acusados serão levados a júri popular.



Leonardo (destaque) foi executado com seis tiros de pistola dentro de seu Corolla, em Cariacica

Vítima de crime de mando

O delegado Altair Ferreira da Silva, da Delegacia de Crimes contra a Vida (DCCV) de Cariacica, afirmou ontem que o comerciante Leonardo Maciel de Amorim, o Léo, foi vítima de um crime de mando.

Altair acredita que Léo possa ter sido morto como queima de arquivo do caso Denadai ou por causa dos seus negócios, já que a polícia tem informações de que o comerciante trabalhava com máquinas caça-níqueis.

No entanto, o delegado não descarta outras hipóteses para o assassinato. “Não temos dúvida de que foi uma execução, mas ainda estamos investigando a motivação. Vou pedir às lojas que funcionam na avenida as fitas das câmeras de monitoramento que podem ter filmado a ação dos

criminosos”, disse.

“O crime tem características de execução, pela mecânica utilizada pelos executores e pela arma, que é de uso proibido. O comerciante estava com R\$ 500 na carteira, três celulares, relógio, aliança e cordão de ouro, mas os assassinos não roubaram nada”, observou.

Altair ouviu ontem a mulher de Léo e seu sócio nas lojas de jogos eletrônicos, que afirmaram não saber o que poderia ter motivado o crime. A mulher apenas informou que, no dia do crime, o comerciante iria viajar para São Paulo.

A polícia tem duas versões para o crime. De acordo com a primeira, dois homens armados chegaram num Gol de cor escura, fecharam o carro do comerciante e atiraram. Em seguida, eles teriam fugido em

alta velocidade.

A segunda versão dá conta de que um homem se aproximou do carro a pé e disparou contra o comerciante. Depois, ele saiu correndo, entrou num Gol que o aguardava e fugiu.

O crime ocorreu na avenida Espírito Santo – uma das mais movimentadas do bairro –, que estava repleta de carros e pedestres na hora dos disparos. Houve pânico e correria entre as pessoas que tentavam se esconder dos tiros.

De acordo com testemunhas, o assassino de Léo era moreno, tinha cerca de 30 anos, 1,80 metro e trajava boné preto, calça jeans, camisa clara e tênis branco.

A Polícia Civil ainda não tem pistas do paradeiro dos assassinos.

“Meu filho não falava da vida dele”

“Não estou em condições de falar sobre a morte do meu filho. Ele tinha vida própria e eu não interferia na vida dele. Leonardo era independente de mim.

Ele começou a trabalhar cedo e tinha o seu próprio negócio. A firma dele era de diversões eletrônicas, mas não sei mais detalhes sobre o seu negócio.

Até me contaram que ele foi testemunha do assassinato do advogado Marcelo Denadai, mas eu não sei de nada. Meu filho não falava da vida dele”

Depoimento do engenheiro aposentado Newton Sarmiento de Amorim, pai do comerciante Leonardo Maciel de Amorim.

Família de Denadai indignada

A advogada Maria Aparecida Denadai, irmã do advogado Joaquim Marcelo Denadai, disse ontem que as mortes das testemunhas do caso foram anunciadas e que o Ministério Público Estadual está sendo omisso.

“As autoridades estão inertes. Todos estão vendo as coisas acontecerem e aguardando a próxima vítima. Eles sabem como o crime organizado age, mas não fazem nada para impedir”, desabafou.

A advogada teme que na hora do julgamento não haja mais testemunhas ou acusados para serem condenados pelo assassinato de seu irmão. “Não acredito que os promotores vão permitir isso. Esse crime não pode ficar impune”, afirmou.

“Até agora o assassinato do PJ (Paulo Jorge dos Santos Ferreira), acusado de ser um dos executores do meu irmão, não foi desvendado. Ele foi solto para ser morto”, disse Aparecida.

Ela entende que os acusados devem aguardar o julgamento presos para não serem mortos. “Acho que o Ministério Público deveria colocar essas pessoas na cadeia”.

De acordo com a advogada, nada mudou no Estado desde a vinda da missão especial do Ministério da Justiça, que veio ao Espírito Santo em 2002 para combater o crime organizado.

“A segurança pública continua fora de controle e os crimes continuam impunes. Os pistoleiros continuam matando em praça pública em pleno dia”.

A advogada disse que teme por sua vida e contou que vai solicitar novamente a ajuda do Ministério da Justiça. “Não quero ser a próxima vítima. Não adianta as autoridades esperarem os criminosos agirem para depois lamentar”, reclamou.

“A principal testemunha do caso está sem proteção. Quando todos morrerem vão julgar quem? Não vai sobrar ninguém. Por trás desse crime ainda há muita gente de colarinho branco que ainda não apareceu”, completou Aparecida.

MORTOS POR QUEIMA DE ARQUIVO

O comerciante Leonardo Maciel Amorim, o Léo, executado terça-feira, em Jardim América, Cariacica, não foi a primeira testemunha do caso Denadai a ser estranhamente assassinada por pistoleiros.



Paulo Jorge: 25 tiros

No dia 15 de dezembro do ano passado, o ex-tenente da Polícia Militar Paulo Jorge dos Santos Ferreira, o PJ, 47 anos, foi morto com 25 tiros quando chegava a um restaurante em Santo Antônio, Vitória.

No dia 13 de março de 2003, o comerciante Eduardo Victor Vieira, 28, que também era testemunha, foi morto a tiros por dois pistoleiros dentro do ferro-velho Veí Peças – que era de sua propriedade – no bairro Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha.

Na ocasião, o funcionário Carlos Alberto Almeida, 36, também morreu e outro sócio do ferro-velho, Luiz Carlos Azevedo, 32, ficou ferido. Eduardo foi assassinado antes de ser interrogado no sumário de acusação do processo.

A principal testemunha de acusação contra os supostos mandantes, o cabo reformado da PM Jovenil Soares Nicácio, também escapou da morte. Ele trabalhava como segurança para o dono do ferro-velho, mas não estava no local na hora do crime.

Jovenil escapou de ser assassinado novamente no dia 30 de junho do ano pas-

sado, quando pistoleiros executaram a tiros o mecânico Gilson Pontes Alves, 44, dentro do carro do cabo reformado, na Estrada de Capuaba, em Ataide, Vila Velha.



Eduardo: dono de ferro-velho